FEIRA DA PONTA NORTE



João Paulo e Sabrina destacam seu amor pela feira



O professor Piragibe encontrou um ponto de conexão com pessoas

Fotos: Eduardo Fernandes/ CB/ DA PRESS



Local recebe frequentadores aos sábados das 7h às 14h

Espaço de cultura, arte e agroecologia

Feirantes e frequentadores defendem a permanência da feira na quadra 216 Norte. Nas redes sociais, governadora Celina Leão afirmou que "notificação do DF Legal foi por falta de documentação, e não significa fechamento" do local

» EDUARDO FERNANDES

Localizada na quadra 216 Norte, a Feira da Ponta Norte se consolidou como um território que integra agricultura familiar, agroecologia, produção autônoma e manifestações culturais. Feirantes, artistas e frequentadores se mobilizaram para defender a permanência do espaço, pois temiam que o espaço fosse fechado, após uma notificação do DF Legal.

A governadora Celina Leão, no entanto, veiculou nas redes sociais uma mensagem para tranquilizar a todos, depois de uma reunião, no Palácio do Buriti, com o presidente da Feira Agroecológica da Ponta Norte, Juliano Silva, e o vice-presidente, Claudionor Barros de Abreu, para discutir a regularização do uso do espaço. "A notificação do DF Legal foi por falta de documentação e não significa fechamento", garantiu a governadora. "Nós estamos aqui para acolher essa associação e para determinar ao nosso secretário de Governo que faça a legalização definitiva dessa feira, para que todos os feirantes possam ter a liberdade de ter seu documento e seu direito de trabalhar ali", acrescentou Celina.

Frequentada por um público diverso e integrado por produtores rurais, assentados e trabalhadores autônomos, o espaço opera como um elo entre o campo e a cidade. Para além das bancas de hortifrúti sem agrotóxicos e do artesanato, o local se destaca pelo livre acesso e pela promoção de manifestações artísticas que, muitas vezes, não encontram abrigo na indústria cultural tradicional. Para quem frequenta o local, o apelo da feira transcende a simples troca comercial.

O artista autônomo Ludi Um, 54 anos, que vive em Brasília desde 2020 e vai à Ponta Norte desde a sua chegada, enxerga a permanência da feira como uma necessidade urgente para o DF. "Eu acho que essa feira, além da resistência, da persistência, da resiliência, ela é extremamente necessária devido a quem ela atende, mas também por quem está trabalhando nela: você poder comer o produto sem veneno, usar um artesanato, ter essa confluência de várias cidades do Entorno", diz.

"Para mim, como artista autônomo negro, isso aqui é uma brecha, um rasgo, um respiro dentro de uma cidade que é hostil. A feira da Ponta Norte precisa existir com dignidade, existir como espaço de fruição de cultura, de alimento saudável e de vida com qualidade." O caráter democrático do espaço também é enfatizado por Tainá Cary, 31. Natural de Santos, em São Paulo, ela vê a feira como um refúgio acessível em meio à arquitetura e à dinâmica urbana de Brasília.

"Feiras são pontos de encontro, lugares que você não paga para entrar. Você fica horas, você simplesmente desliga, relaxa", avalia Tainá. "Para mim, é importantíssimo que essa feira exista e resista. É o lugar do pobre simplesmente chegar e curtir sem ficar se preocupando se tem dinheiro ou não. No dia que eu não tiver dinheiro, posso vir do mesmo jeito", afirma.

Economia solidária

Para quem vende produtos, a Ponta Norte é o motor da sustentabilidade financeira e da distribuição direta. Bruno Leandro Oliveira, 43, produtor rural do assentamento Roseli Nunes, em Planaltina, comercializa no local desde a fundação e destaca o papel social da cadeia produtiva que abastece o espaço.

"A gente fornece alface, cebola, pimentão, todos os produtos que vêm da reforma agrária. Ela traz uma galera desse processo e essas pessoas não passam nem pela mão dos atravessadores, vêm direto do produtor para o consumidor", explica Bruno. "O mercado não fica só na coisa de você ir lá e comprar. A feira cumpre seu papel social, além de alimentar: trocar ideias, saber de onde vem a produção e conectar Brasília", acrescenta.

A importância econômica também é vital para a feirante Sabrina Passos, 35, que comercializa marmitas veganas no local há quase dois anos. "Quando recebi a notícia de que podia fechar, fiquei desesperada, porque o que eu faço aqui é um terço do que ganho no meu mês. É onde consigo a maioria dos meus clientes", revela Sabrina, enfatizando ainda a importância de regularizar a situação junto aos órgãos públicos. "A feira está se propondo a fazer tudo o que tiver que ser feito dentro dos conformes do que o governo tá pedindo. A gente entende que há problemas, especialmente quanto à organização e ao congestionamento de carros aqui ao lado. Mas isso é completamente resolvível", complementa.

João Paulo Neves Cabral, 36, autônomo que vende pastas de grão-de-bico há dois anos na feira, reforça que o valor do espaço extrapola a comercialização de itens alimentícios. "Você tem na Asa Norte um ponto fixo que, para além das questões financeiras e pessoais, promove a cultura, a diversidade e o debate sobre assuntos pertinentes", observa João Paulo. "Você tem atividade cultural de vários artistas que não são contemplados pela indústria cultural e a vivência dessa efervescência que a Asa Norte pode proporcionar."

Acolhimento

A dimensão comunitária da feira também se revelou crucial em momentos de crise coletiva, como a pandemia da covid-19. O professor de matemática Piragibe da Paixão, 50, que trabalha na escola Paulo Freire e mantém uma banca de livros no local desde 2019, conta que a feira desempenhou um papel vital em sua saúde mental.

"Foi o momento em que fiquei muito triste. Perdi parentes, amigos perderam pais. Eu pensei: 'vou me proteger, botar máscara e ir para a feira botar uma mesa para deixar os livros à disposição de quem tá em casa para distrair a cabeça'", lembra Piragibe, que empresta obras a quem não pode pagar. "Foi o que me salvou de ter uma depressão. Hoje é muito legal estar aqui", ressalta o professor.

